

LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DE FRAGMENTOS FLORESTAIS NA ZONA DE AMORTECIMENTO DO PARQUE MUNICIPAL FRANCISCO AFFONSO DE MELLO, MOGI DAS CRUZES, SP

Fernando dos Reis Barbosa¹; Renata Jimenez de Almeida Scabbia²

Estudante do curso de Ciências Biológicas; e-mail: fernandoreis_bar@outlook.com¹

Professor da Universidade de Mogi das Cruzes, e-mail: renatascabbia@umc.br²

Área de conhecimento: Sistemática Vegetal

Palavras-chave: Política Pública, Restauração, Biodiversidade.

INTRODUÇÃO

A Mata Atlântica apesar da perda expressiva de habitat, ainda abriga uma parcela significativa da diversidade biológica do Brasil, com altíssimos níveis de endemismo (PINTO et al. 2006), o que justifica a sua preservação e recuperação. Esta prática no Estado de São Paulo, embora seja uma prática bem difundida, é relativamente recente, com duas ou três décadas de existência e apenas na última década foram implantadas medidas legais que disciplinem a recuperação florestal, como decretos ou resoluções. O estudo florístico é a etapa inicial para o diagnóstico da flora. A partir dele é possível programar os passos seguintes, como por exemplo, escolher as áreas mais adequadas para o estudo da estrutura, o que demanda maior esforço para implantação de parcelas, marcação de árvores e análises posteriores.

OBJETIVOS

Objetivou-se neste trabalho, levantar as espécies, herbáceas, arbustivas e arbóreas de fragmentos de floresta em diferentes estágios sucessionais, existentes na zona de amortecimento do Parque Municipal Francisco Affonso de Mello e contribuir na elaboração de Políticas Públicas de Conservação.

METODOLOGIA

Foram realizadas viagens semanais, durante quatro meses (outubro de 2016 até janeiro de 2017), pelo método do caminhamento (FILGUEIRAS et al., 1994), anotando-se a presença de espécies de fácil reconhecimento e sempre que possível coletando indivíduos em estado fértil, de hábitos, herbáceo, arbustivo e arbóreo. Os procedimentos utilizados nas coletas foram os adotados para os estudos de taxonomia de Fanerógamas, segundo Fidalgo & Bononi (1984). Os ramos foram herborizados. Os materiais foram incorporados ao Herbarium Mogiense (HUMC), na Universidade de Mogi das Cruzes.

A nomenclatura utilizada para a denominação das famílias seguiu a classificação proposta em APG IV (2016). Para as espécies foi seguida a nomenclatura utilizada na Flora do Brasil (FORZZA 2010), que também forneceu informações sobre a origem, o endemismo e a distribuição geográfica em que ocorrem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificadas 47 espécies distribuídas em 29 famílias (Tabela 1).

Tabela 1. Lista de espécies identificadas na face sul da zona de amortecimento do Parque Municipal Francisco Affonso de Mello, Mogi das Cruzes, SP. Onde arb = arbusto, arv=árvore, herb=herbácea, palm=palmeira e trep=trepadeira.

Família	Espécie	Autor	Hábito	Nome comum
Anacardiaceae	<i>Schinus terebintifolius</i>	Raddi	Arv	aroeira
Apocynaceae	<i>Asclepia curassavica</i>	L.	Arb	erva-de-rato
Arecaceae	<i>Euterpe edulis</i>	Mart.	Palm	palmito-juçara
Arecaceae	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	(Cham.) Glassman	Palm	gerivá
Asteraceae	<i>Sphagneticola trilobata</i>	(L.) Pruski	Herb	
Balsaminaceae	<i>Impatiens walleriana</i>	Hook.f.	Arb	maria-sem-vergonha
Bignoniaceae	<i>Handroanthus chrysotrichus</i>	(Mart. ex DC.) Mattos	Arv	ipê-amarelo
Cannabaceae	<i>Trema micranta</i>	(Lundell) Standl. & Steyererm.	Arv	crindiúva
Clethraceae	<i>Clethra scabra</i>	Pers.	Arv	vassourão
Cunoniaceae	<i>Lamanonia ternata</i>	Vell.	Arv	guaperê
Dicksoniaceae	<i>Dicksonia gigantea</i>	H. Karst.	Herb	samambaiacu
Ebenaceae	<i>Diospiros kaki</i>	L.f.	Arv	caqui
Euphorbiaceae	<i>Alchornea glandulosa</i>	(Casar.) Secco	Arv	tamanqueiro
Euphorbiaceae	<i>Alchornea sidifolia</i>	Müll.Arg.	Arv	tapiá
Euphorbiaceae	<i>Croton floribundus</i>	Rizzini	Arv	capinxingui
Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i>	L.	Arv	Mamona
Euphorbiaceae	<i>Sapium glandulosum</i>	(L.) Morong	Arv	Leiteira
Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i>	(Vell.) Brenan	Arv	Angico
Fabaceae	<i>Desmodium incanum</i>	(Sw.) DC.	Herb	
Fabaceae	<i>Erythrina speciosa</i>	Andrews	Arv	suinã, eritrina
Fabaceae	<i>Inga capitata</i>	Desv.	Arv	Ingá
Fabaceae	<i>Machaerium nictitans</i>	(Vell.) Benth.	Arv	bico-de-pato
Fabaceae	<i>Piptadenia gonoacantha</i>	(Mart.) J.F.Macbr.	Arv	pau-jacare
Fabaceae	<i>Senna multijuga</i>	(Rich.) H.S.Irwin&Barneby	Arv	pau-cigarra
Lauraceae	<i>Nectandra oppositifolia</i>	Nees	Arv	canela-capoeira
Malvaceae	<i>Ceiba speciosa</i>	(A.St.-Hil.) Ravenna	Arv	paineira-rosa

Melastomataceae	<i>Pleroma granulosa</i>	(Desr.) D. Don	Arv	quaresmeira
Melastomataceae	<i>Tibouchina pulchra</i>	Cogn.	Arv	manacá-da-serra
Melastomataceae	<i>Tibouchina clavata</i>	(Pers.) Wurdack	Arb	orelha-de-onça
Meliaceae	<i>Aglaia odorata</i>	Lour.	Arv	Aglaia
Moraceae	<i>Ficus pumila</i>	(Makino) Corner	Trep	unha-de-gato
Musaceae	<i>Musa paradisiaca</i>	L.	Herb	Bananeira
Piperaceae	<i>Piper aduncum</i>	L.	Arb	Jaborandiba
Poaceae	<i>Melinis minutiflora</i>	P.Beauv.	Herb	capim-gordura
Primulaceae	<i>Myrsine coriácea</i>	(Sw.) R.Br. ex Roem. &Schult.	Arv	capororoca
Primulaceae	<i>Myrsineum bellata</i>	Mart.	Arv	
Rosaceae	<i>Erybothria japônica</i>	(Thunb.) Lindl.	Arv	nêspera
Rubiaceae	<i>Bathysa sylvestrae</i>	Germano-Filho&M.Gomes	Arv	
Rubiaceae	<i>Coffea arábica</i>	L.	Arv	cafeeiro
Rubiaceae	<i>Psychotria velloziana</i>	Benth.	Arb	
Salicaceae	<i>Casearia sylvestris</i>	Sw.	Arv	guassatonga
Sapindaceae	<i>Cupania oblongifolia</i>	Mart.	Arv	
Solanaceae	<i>Solanum americanum</i>	Mill.	Arb	maria-pretinha
Urticaceae	<i>Bohemeria caudata</i>	Sw.	Arv	
Urticaceae	<i>Cecropia glaziovii</i>	Snethl.	Arv	
Urticaceae	<i>Cecropia hololeuca</i>	Miq.	Arv	
Urticaceae	<i>Urera bacífera</i>	Wedd.	Arb	Urtiga
Zingiberaceae	<i>Hedychium coronarium</i>	J.Koenig	Herb	lirio-do-brejo

Das amostras coletadas foram identificadas espécies endêmicas da Mata Atlântica como ipê-amarelo (*Handroanthus chrysotrichus* (Mart. ex DC.) Mattos), embaúba-prateada (*Cecropia hololeuca* Miq.) quaresmeiras (*Pleroma granulosa* (Desr.) D. Don) e também alguns exemplares de café (*Coffea arabica* L.) o que mostra a presença de antigas práticas de monocultura. O índice de Sorensen demonstrou uma baixa similaridade, porém existe associação entre a comunidade onde foi efetuada a pesquisa na Serra do Itapeti (TOMASULO, 2012) e o fragmento de mata Atlântica situado região Sul da Serra, na Zona de Amortecimento do Parque Francisco Affonso de Mello.

CONCLUSÕES

A flora fanerogâmica da Zona de Amortecimento do Parque Francisco Afonso de Mello apresenta uma significativa riqueza de espécies nativas da mata atlântica, demonstrando

a importância de sua conservação, porém está situada em grande maioria em pequenos fragmentos de floresta, onde sofre alto efeito de borda e dificuldade de dispersão. A fragmentação altera o fluxo de fauna que é essencial para a polinização e dispersão de sementes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIDALGO, O. & BONONI, V.L.R. 1984. **Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico**, n. 04. São Paulo: Instituto de Botânica do Estado de São Paulo, 62 p.

FILGUEIRAS, T.S.; NOGUEIRA, P.E.; BROCHADO, A.L. & GUALA II, G.F.1994. Caminhamento: um método expedito para levantamentos florísticos qualitativos. **Cadernos de Geociências** 12: 39-43.

FORZZA, R.C.2010. **Catálogo de plantas e fungos do Brasil**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

TOMASULO, P.L.B. 2012. Flora fanerogâmica da Serra do Itapeti. *In*: M.S.C. Morini & V.F.O. Miranda (org.). **Serra do Itapeti: Aspectos Históricos, Sociais e Naturalísticos**. Bauru, SP: Canal 6, pp. 107-125.

TROPPEMAIR, H.2008. **Biogeografia e meio ambiente**. 8 ed. Rio Claro: Divisa, 227p

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO ESPECIALMENTE Á CAMILA SILVA DE OLIVEIRA QUE ME ACOMPANHOU E AUXILIOU AS IDAS A CAMPO. E AINDA AGRADEÇO Á MINHA ESTIMADA AMIGA VANIA NOBUKO YOSHIKAWA QUE ME APOIOU AO LONGO DESTA JORNADA ACADÊMICA. E POR FIM A MINHA MÃE MARIA, PELO CARINHO E CUIDADO DURANTE MINHA VIDA.